



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARTINHO FONSCECA MUNICA

**ACUSAÇÃO DE FEITIÇARIA CONTRA CRIANÇA:
O PAPEL DAS IGREJAS, ONGS, GUERRA E OUTROS FATORES
NO PROCESSO ACUSATÓRIO E DE DEFESA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

MARTINHO FONSCECA MUNICA

**ACUSAÇÃO DE FEITIÇARIA CONTRA CRIANÇA:
O PAPEL DAS IGREJAS, ONGS, GUERRA E OUTROS FATORES
NO PROCESSO ACUSATÓRIO E DE DEFESA**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em humanidades.

Orientação Prof.º.Dr.º Carlindo Fausto Antonio.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

MARTINHO FONSECA MUNICA

**ACUSAÇÃO DE FEITIÇARIA CONTRA CRIANÇA:
O PAPEL DAS IGREJAS, ONGS, GUERRA E OUTROS FATORES
NO PROCESSO ACUSATÓRIO E DE DEFESA**

Projeto apresentado como parte dos requisitos para obtenção de grau Bacharel em Humanidades, no Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras-IHL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

Aprovado em: 29/05/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a Cristina Teodoro Trinidad

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Paulo Alves Junior

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	7
3	OBJETIVOS	8
3.1	GERAL	8
3.2	ESPECÍFICOS	8
4	REFERENCIAL TEÓRICO	8
4.1	ACUSAÇÃO DE FEITIÇARIA CONTRA CRIANÇA	11
5	PROPOSTA METODOLÓGICA	15
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é baseado numa pesquisa bibliográfica. O objetivo principal do projeto de pesquisa será de determinar alguns fatores de acusação de feitiçaria contra criança em Angola, especificamente na capital Luanda. Assunto este que tem ganhado notoriedade na sociedade angolana. A problemática sobre este fato tem sido pouco debatida por intelectuais angolanos, não há grandes esforços para entender o fenômeno que tem afetado crianças e famílias. A propósito, podemos dizer que as ausências de políticas ou de posicionamento mais firme acabam comprometendo o desenvolvimento normal das crianças.

Os textos de apoio utilizado para descrever o meu projeto de pesquisa foram os seguintes: Feitiçaria e modernidade nos camarões (Peter Geschiere, 2006); Crianças acusadas de feitiçaria em Angola: economia e parentesco num contexto de pós-guerra civil, (Luena Nunes Pereira, 2007); Reconfigurando família, igrejas e estado no pós-guerra angolano (Luena Nunes Pereira, 2008); Religião e parentesco entre os bakongo de Luanda (Luena Nunes Pereira, 2011); Feitiçaria e esfera pública: estado e cultura no pós-guerra angolano (Luena Nunes Pereira, 2016) e o texto de acusação de feitiçaria a solta (Mary Douglas, 1999). Estes autores com os quais trabalhei nos ajudam a entender melhor o fenômeno de acusação de feitiçaria feita por familiares e vizinhos. Por ser considerado um fenômeno recente, a realização da pesquisa de campo será fundamental para dar ênfase às questões ligadas ao fenômeno de acusação, porque falar do fenômeno de acusação de feitiçaria contra criança é complexo, tendo em consideração alguns fatores de variedade de grupos étnicos, tradicionais, culturais e religiosos.

PEREIRA (2007, p. 04) Entende que:

A “feitiçaria” é compreendida nesta cosmologia como a manipulação de forças advindas do outro mundo para fins individualistas, à custa da força vital de pessoas da comunidade. Ela é acionada para a explicação de infortúnios repetidos e crise social aguda.

As suas manipulações atingem fenômenos sobrenaturais capaz de ocasionar infortúnios. É através de rituais de maldições que são obtidos e manipulados para diversos fins. Conforme PEREIRA, (2008, p, 32). Descreve que as acusações de feitiçaria a criança surgem como um fenômeno recente em diversas partes do continente africano, já tinha sido descrita, tanto por ancião e líderes das igrejas mais antigas como pelo governo e outras instituições que combatem esta problemática. Assim como a guerra, a autora também

descreve a acusação como um fator de desestruturação familiar, não só em Angola, mas como também na República Democrática do Congo, e pela alta instabilidade política e crise econômica e social.

O autor DOUGLAS (1999 p.15) explica que feiticeiro (a) é uma designação atribuída a um indivíduo que é dotado de poderes ocultos capaz de infligir danos, a sua aquisição é através de pactos com demônio ou qualquer outra divindade do mal, a forma de pagamento é efetuada através de vidas humanas de seus confrades. Nas últimas décadas as crianças têm sido os principais alvos de acusações. Os impactos negativos deste fenômeno são bem visíveis aos olhos da sociedade angolana, é preciso envidar esforços para se reverter o quadro.

É a partir de comportamentos anômalo que se consuma o envolvimento da criança com o mal. Descartando se de qualquer hipótese como doença genética ou adquirida. Para entender como funciona a participação das crianças no mundo do feitiço PEREIRA (2008 p. 32). Faz a seguinte afirmação: as crianças são utilizadas por pessoas adultas, muitas vezes por familiares já falecidos, como intermediárias dos seus atos. Justamente a presumida inocência e irresponsabilidade da criança, permitem manipulações. “Pois pessoas mais adultas, sobretudo cristianizadas, dificilmente seriam convencidas por um feiticeiro a entregar um parente seu a fim adquirir poder noturno e participar dos banquetes de feiticeiros”.

Com base neste relato é possível notar que a acusação é feita de forma dedutiva sem qualquer possibilidade de uma patologia conforme descreve PEREIRA (2007, p. 10). Durante a sua pesquisa de campo, a autora teve acesso à documentação do Centro Arnaldo Janssen, centro católico de acolhimento de crianças em Luanda.

Chamo-me António M. F.. Nasci em Angola em 1988 na província do Zaire. A minha história é muito triste. A minha mãe morreu em 1994 e quando ela morreu, eu não sabia que a vida seria difícil para mim. Depois disso tudo passar, é aí onde começou a minha desgraça. Em 1995 eu tinha 7 anos e vivia na casa da minha irmã Angélica e vivendo um bom tempo na sua casa. Eu vi que as coisas estavam mudar comigo eu comia de dia, mas de noite eu sentia fome. E passando um tempo a minha irmã descobriu que eu acordava de noite para comer, a comida que sobrava do jantar, e ela me batia dizia que eu era feiticeiro, eu aceitava porque eu era muito burro, e dali é onde começou a grande história. Na minha família estão constituídos os meus avós, os meus tios, até os meus primos. E há muitos feiticeiros. E quando os feiticeiros ouviram que eu era feiticeiro aproveitavam de mim, usavam minha cara para atormentarem as pessoas, e foi ali que as pessoas diziam que eu era feiticeiro. 1996 saí da casa da minha irmã fui pela casa de minha tia eu estava a pensar que as coisas poderiam passar. As coisas aumentaram, e me levassem na igreja e na igreja disseram que eu já não tinha feitiço. Em 1996 também chega a minha irmã Amélia, que sai do Huambo para Luanda. Ela também foi viver na minha tia e lhe contaram tudo, disseram nela que eu era feiticeiro. 1997, no mês de janeiro, fui viver na casa do meu irmão Nelito e lá também as coisas aumentaram. Tratavam de feiticeiro, mas nunca fui feiticeiro. Até me acusaram que fui eu que matei a minha mãe. Levaram me nos quimbandeiros, nos curandeiros e dizia que eu era mesmo feiticeiro. (vejam o azar que estava comigo.). Até os quimbandeiros diziam que eu era feiticeiro e eu

quando ouvia aquilo que eles diziam eu ficava com a boca fechada. Eu sentia medo, eu era muito burro. Humilde, obediente, calado, esta minha humildade não era só. Eu sentia que por trás disso tudo existia uma pessoa que me fazia ficar assim. E no mesmo ano os meus irmãos tomaram a decisão de me meterem numa igreja espírita”...[o relato termina aqui embora haja uma indicação de “continuação”]

Com base no depoimento acima PEREIRA (2016, p.142). Traz alguns fatores que estão diretamente ligados à acusação de feitiçaria contra as crianças. A acusação de feitiçaria esta intrinsecamente ligado, a pobreza, discrepância social e ao peso econômico que as famílias extensas carregam ao abrigar crianças órfãs ou deslocadas de guerra.

2 JUSTIFICATIVA

Por ter presenciado casos de acusação de feitiçaria, a escolha do tema surge na perspectiva de entender as causas do fenômeno de acusação de feitiçaria contra a criança, sendo elas os principais alvos. Estas crianças ficam privadas de apoios e condições de um ambiente familiar normal, pouco se fala, e se escreve sobre o assunto, as consequências da feitiçaria são desastrosas, para a sociedade e para a criança em particular. É importante trazer esta temática à tona, para se debater, despertar e criar políticas que visam salvaguardar o direito das crianças e de reinserção no seio familiar e social.

A tutela da criança acusada é escolhida pelos parentes que em muitos casos, as mesmas são submetidas à exploração de trabalhos. Sem grandes informações o Ministério da Assistência e Reinserção Social (MINARS) em parceria com alguns centros de acolhimento têm pouco registro de meninas que são acusadas, por estas serem úteis para o desenvolvimento econômico da família, ao contrario dos meninos que são considerados sedentários e que menos contribui para economia da familiar.

O meu interesse em trabalhar este tema, surge na preocupação de ter um aumento significativo de crianças na rua e em lares de acolhimento por motivos diversos, mas como o fenômeno de acusação de feitiçaria tem se registrado com maior frequência decidi trabalhar com este fenômeno, é uma das razões mais apontadas por crianças que se encontram em lares de acolhimento e igrejas. O meu foco sempre foi trabalhar, cuidar e defender o direito das crianças, desde a época que frequentava o curso em Cardiopneumologia na Universidade Metodista de Angola, quando pretendia ser médico pediátrico, a fim de ajudar crianças que carecem de cuidados especiais. Sendo Angola um dos países africano que lidera a taxa de mortalidade infantil. Aponta-se a crise econômica como um dos fatores para este fenômeno,

sendo a pobreza que alimenta a acusações de feitiça, salientando que crianças com caráter forte também são alvos.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Descrever o atual fenômeno de acusação de feitiçaria contra criança, em Angola, Luanda no período pós-independência.

3.2 ESPECÍFICOS

- A pesquisa terá como foco, de modo específico, descrever quais os reais motivos das crianças serem acusadas de feitiçaria em Angola, Luanda, no período pós-guerra civil;
- Entender se existe e quais são as posições e medidas adotadas pelas ONGS, Igrejas e do governo para fazer frente a este fenômeno;
- Analisar os motivos que estão intrinsecamente ligados a crianças serem alvos de acusação de feitiçaria.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Vale a pena lembrar que este fenômeno tem sido registrado desde os anos 2000, tanto nas províncias do norte de Angola (Zaire e Uíge), de prevalência de população Bakongo, como em Luanda entre a comunidade Bakongo ali residente. Tendo em conta a geografia de Angola que facilita movimento entre grupos étnicos, a autora PEREIRA (2008, p.35) aponta outra possibilidade concernente ao lugar fronteiro e ambíguo ocupado pelos Bakongo na nação angolana como um elemento importante para a compreensão da especificidade étnica da feitiçaria em Angola. O número elevado de crianças acusadas, conseqüentemente expulsas do seio familiar e a visibilidade do fenômeno através da presença de crianças de rua.

Com base nos argumentos apresentado pelos autores, os problemas sociais acabam sempre envolvendo o estado, bem como igrejas, ONGS e outros órgãos que defendem o

direito da criança, não deixando de parte as práticas de feitiçaria existente e a multiculturalidade que devem ser analisada.

A autora PEREIRA (2007, p. 14) estabelece relação das igrejas pentecostais ou africanas na formulação da acusação de feitiçaria ou na legitimação da acusação feitas por parentes. Estes ora confirmam, ou negam a acusação feita pelos parentes e oferecem solução para o problema através da cura da criança, mantendo lhes sobre sua tutela até que se “livre” do mal espírito. Ao contrário das igrejas não pentecostais, as igrejas católicas e as ONGS atuam na proteção e defesa dos direitos da criança.

As igrejas pentecostais atuam através de rituais de purificação de crianças que se creem ou são tidas como feiticeiras. Estes rituais são realizadas pelas igrejas pentecostais ou casas de oração, a cerimonia é feita com as oferendas ou objetos, que serão utilizadas durante a cerimonia, através desta que o pastor vai enfrentara os espíritos da feitiçaria.

O pesquisador DOUGLAS (1999, p.15) explica que:

[...] Na religião tradicional, acredita se que os feiticeiros fornecem uma espécie da corporação do mal. Os membros individuais necessitam do auxilio uns dos outros para efetivar seus desígnios maléficos, pessoa nenhuma pode ser vitima da feitiçaria antes que um parente abra o caminho. Diz se que um feiticeiro é pressionado por seus confrades para lhes entregar sobrinhos e sobrinhas, dando permissão para mata-los [...]

Em função destas ocorrências as ONGS, igrejas não pentecostais e o estado trabalham na irradicação das acusações de feitiçaria contra criança e outros tipos de crueza. A reinserção social, proteção são uma das principais preocupações destas instituições. Muitas crianças estão vulneráveis a violências brutais, física, psicologia abuso sexual, gravidez, precoce, doenças sexualmente transmissíveis e aborto, consequentemente isto afeta de várias formas a prosperidade das crianças.

Para uma aboradgem coesa PEREIRA (2007, p.15) faz a seguinte reflexão:

Já observando as igrejas, percebemos duas formas de produção intercultural. A primeira é veiculada por pastores de igrejas pentecostais e proféticas (e por vezes pelos curandeiros). Consiste na construção de uma atualização da interpretação, identificação e cura (divina) de feitiçaria, elaborando rituais específicos no âmbito do cristianismo, retraduzindo papéis e práticas locais.

As igrejas pentecostais e curandeiros têm o papel de juiz na resolução de provar ou inocentar um indivíduo que tenha pacto com feitiço ou magia. A procura por estes serviços é

uma das primeiras opções que as famílias encontram para livrar um parente, e saber quem as persegue, os resultados em si terão grandes influências se o mesmo pertence à mesma família.

Para um melhor entendimento sobre esta questão, DOUGLAS (1999, p. 09) defende que: “A crença da feitiçaria fazia parte da tradição ancestral, mas antes da cristianização eles haviam desenvolvido meios de controlar e de limitar às acusações de feitiçaria contra os feiticeiros”. Os padres passaram a perseguir os praticantes da religião tradicional africana, os padres católicos diziam conduzir cultos anti-feitiçaria, para impedir que atos de feitiçaria se proliferem, e desfazer seus feitos.

Conforme as análises feita sobre o papel das igrejas, a autora PEREIRA (2008, p. 39) também faz uma análise breve, sobre o papel e a participação das ONGs na resolução do fenômeno de acusação de feitiçaria contra criança. A partir de diversas formas que se trabalhado para erradicar e prevenir práticas que metem em jogo a vida e o desenvolvimento da criança. Na elaboração e enquadramento do fenômeno de acusação de feitiçaria, podem ser observadas a partir das práticas dos agentes sociais, através de palestras que estimulam os parentes a expor os motivos da acusação.

A parceria entre o estado e as ONGS, foi criada para ajudar a proteger e identificar casos que comprometem a vida da criança. Para meter fim a estas práticas de violência, os agentes comunitários têm a responsabilidade de detectar casos ligados à violência contra criança acusadas de feitiçaria, mas também casos de abuso sexual e violência doméstica, negligência, tráfico de crianças órgãos. Os casos reportados são encaminhados para o órgãos do governo quando não se encontrasse uma solução local que garantisse a proteção da criança em situação de risco.

A análise feita por PEREIRA (2007, p.17) afirma que as ONGS as suas ações estão centradas na intervenção social sobre um grupo vulnerável e ressaltando que:

intervenção social sobre um grupo “em situação de risco”. Buscam, dentro deste enquadramento, produzir ações de “conscientização” de forma a reduzir os danos sofridos pelas crianças, através de campanhas de esclarecimento, convencendo a população de que comportamentos desviantes e inadequados apresentados pelas crianças fazem parte do desenvolvimento do adolescente (ou da criança traumatizada), introduzindo uma nova compreensão. As ONGs lêem o fenômeno da criança acusada dentro do parâmetro dos direitos humanos e da sobre fases do desenvolvimento infantil.

Os agentes comunitários resguardam o direito da criança assim como também incitar as populações implicadas apresentado lhes algumas características e sintomas similar de uma

crianças que associam a feiticeiras, são as mesmas características de crianças maltratada, e consequentemente podem desenvolver agressividade, indolência, rebeldia. Procurou-se desencorajar a acusação a crianças atribuindo outros significados aos sintomas.

Com base nos argumentos da PEREIRA (2008) devido a sua especificidade cultural e suas transformações que sustentam as acusações, ONGS e o Estado ainda encontram dificuldade em lidar com o fenômeno embora as suas preocupações estão centradas na intervenção nos locais e grupos com maior números de casos. Os centros de acolhimento trabalham com as igrejas ONGs na perspectiva de busca de soluções para as crises familiares que desencadeiam a acusação. Ressalvando que há casos de crianças que negam ser feiticeiras, e são forçadas a participar do tratamento.

4.1 ACUSAÇÃO DE FEITIÇARIA CONTRA CRIANÇA

Para a discussão do fenômeno, levaram-me a fazer uma viagem literária sobre acusação de feitiçaria, este fenômeno tem se difundido com maior veemência nas últimas décadas. PEREIRA (2007, p. 3) afirma que: “Em Angola a dimensão étnica é determinante, havendo raríssimos casos de acusação a crianças no centro-sul do país (população Ovimbundu)”. Concluindo que o fenômeno de acusação de feitiçaria contra criança é mais frequente em bairros com maior número de bakongo.

O povo bakongo é um grupo diversificado, com diferenças marcantes de classe social, cultural e de origem regional. Zaire e Uige são os estados com maior índice de crianças acusadas de feitiçaria. Conforme descreve PEREIRA (2008, p. 39) “Na pequena cidade de Mbanza Kongo o governo estimou mais de 400 crianças abandonadas, nas ruas ou nas igrejas pentecostais, no ano de 2000. A maioria era acusada de feitiçaria por seus parentes”.

A pesquisadora PEREIRA (2011, p. 21) explica como é feita a aquisição de feitiçaria por crianças não é novidade na Cosmologia Bakongo. Na cultura bakongo as crianças podem ser escolhidas por chefes de linhagem, detentores do poder espiritual de proteger suas famílias, geralmente um familiar da parte materna (tio irmão da mãe). Estes mais velhos transmitiam determinados poderes oculto às crianças ainda no útero da mãe, ou seja, estes mais velhos faziam de reféns as crianças feiticeiras em tempos anteriores. Este era considerado um poder benigno, hereditário, usado para a defesa do clã. Entretanto, a criança que adquire este poder faria uso dele apenas quando adulto, ao assumir o cargo de chefia na família.

Conforme descreve PEREIRA (2007, p. 5)

As acusações às crianças acontecem dentro das famílias ou entre vizinhos. Elas são acusadas de manipularem forças advindas do mundo noturno ocasionando infortúnios dentro das famílias como doenças, mortes, abortos e fracasso econômico dos membros da família. As crianças acusadas situam-se, na maior parte das vezes, na faixa etária entre 8 a 13 anos, não sendo incomum a acusação a crianças muito pequenas, inclusive bebês.

Quando um parente morre, e em vida possuiu o poder do “feitiço” deixara alguém na família como herdeiro. As dívidas adquirida pelo malogrado terá de ser pagas por um parente para resgatar as dívidas nas quais incorrera junto a seus cúmplices, dessa forma, o malogrado (a) é visto como uma espécie de mártir, sacrificando-se para não fazer de seus parentes vítimas de suas terríveis dívidas. A ligação sanguínea permite com facilidade que uma pessoa manuseie outra para feitiçaria ou herdar o feitiço, portanto são raros os casos do acusado e a vítima não fazer parte do mesmo laço sanguíneo.

Assim como PEREIRA afirma que o poder de feitiçaria, ou acusar alguém de possuir poderes oculto, esta ligada nas linhagens familiares ESCHIERE (2006, p. 30), partilham o mesmo ponto de visto, afirmando que: Só é consumado portador ou feitiçeiro se o acusado e a vítima forem membros da mesma família, caso não sejam confrades logo se tem a pouca possibilidade de culpa é menor. O mesmo autor reafirma que feitiçaria está intrinsecamente relacionada à ordem do parentesco local, a sua forma de pagamento principal vidas é humanas, tanto na aquisição como desapropriação, é frequente nas acusações envolver mortes de parentes próximos. Na sua abordagem Douglas (1999, p. 15) afirma que: “A iniciação na corporação dos feitiçeiros se faz em meio de festejo nos quais carnes humanas é compartilhada”.

Pere; Bengé; Frieman; N’senga e Molina (2006;2002;2005 apud PEREIRA 2008) concluem que a acusação de feitiçaria esta intrinsecamente ligada tensão e a sobrecarga que acometem as famílias extensas que são obrigadas a acolherem crianças que, pela guerra, deslocamentos, migrações ou pela emergência do HIV-AIDS, perdem seus parentes diretos.

Apropriando se de varias hipóteses GESCHIERE (2006, p. 27) descreve que a feitiçaria é um motivo familiar, aquisição do feitiço em alguns casos, é adquirido de forma involuntária como conta este breve relato: um jovem rapaz chegando à cidade, com fome e sede; aceitando comida e uma cerveja de um estranho; e percebendo tarde demais que acaba de ser recrutado para uma associação de crédito, incorrendo em uma dívida que só pode ser redimida pela venda de um parente.

Conforme Douglas (1999). Os curandeiros têm um papel de juiz no que toca a resolução de provar inocência e de acusar um individuo que tenha pacto com feitiço ou outra

magia, a procura pelos curandeiros têm sido uma das primeiras opções que as famílias encontram como já referi anteriormente, o resultado em si terão grandes influencias se o mesmo for membro da mesma família.

A crise econômica mundial que se vive nas ultimas décadas, não é diferente em Angola, só veio aumentar o índice de pobreza que cruza o caminho de muitas famílias principalmente as extensas e sobre tudo no desenvolvimento das crianças. Acelerou a vida das famílias angolanas para o mercado informal. Os impactos são visíveis na desestruturação familiar e no fluxo migratório.

A acusação ela parte de diversos fatores, mas os mais frequentes segundo PEREIRA (2007, p. 7) frisa que:

Importa apontar para o quadro de crise social aguda e disseminação da economia informal, agravada com a adoção do modelo liberal no final dos anos 80. Este quadro de crise econômica teve forte impacto na ordem familiar pela entrada crescente de mulheres e jovens no sistema informal, acrescida à desagregação familiar com os deslocamentos e a perda de parentes devido à guerra.

A crise social aguda descrita pela autora como um dos fatores que tem contribuído para a proliferação deste fenômeno, apropriando se de varias hipótese PEREIRA (2008, p.32) aborda sobre alguns comportamentos que estejam associadas também a prática de feitiçaria, como: “agressividade, indolência, inquietude e dispersão podem justificar a acusação. Sintomas como fome excessiva, enurese noturna, sono agitado ou excessivo e doenças como epilepsia e sonambulismo também são associados a crianças feiticeiras”.

PIETZ (1985, p. 5) De uma forma breve, com base nas explicações de Pêpe (2009), presente no artigo do PIETZ (1985), defende que a feitiçaria surgiu,

nos séculos XVI e XVII, no espaço de cruzamento de culturas, na costa oeste da África, onde ocorria o tráfico de escravos. Nessa época, teria se desenvolvido a palavra portuguesa “fetisso” (feitiço), usada na Baixa Idade Média para designar “práticas mágicas” ou “bruxaria” (PIETZ, 1985, p. 5).

Com base nos argumentos de PEREIRA (2008, p. 34) Feitiço é um espirito que invoca o mal que tem ações maléficas, e feitiçaria é uso ou ato de manejar o feitiço. “As palavras em português “feitiço” e “feitiçaria” são usadas simultaneamente com os termos em kikongo kindoki e kundú. Estes se referem ao poder oculto de bruxos e feiticeiros”.

Por ter uma gênese desconhecida, GESCHIERE (2006, p. 29) explica que: a feitiçaria é tem duas perspectivas diferente, as vezes é usado para se proteger de qualquer mal e por outra ela funciona de forma traiçoeira, o autor ainda afirma que a feitiçaria é impossível de

serem identificadas e combatidas, por que as forças vitais da comunidade em direção a um ambiente adverso.

É de realçar que depois do período pós-independência se deu o início da guerra civil, fator que levou ao grande fluxo migratório em diferentes pontos do país e no exterior, em busca de asilo. A migração arrojada acabou deixando famílias desestruturadas, viúvas e órfãs.

A união dos três partidos políticos surgiu para derrubar o colonialismo Português, com a finalidade de proclamar a independência, e a retirada definitiva do colono Português do território angolano. Para participação dos três movimentos na liderança do país, e ser reconhecido como um estado democrático e de direito os três partidos assinaram os acordos de Nova York, 1988; Gbadolite 1989 e o acordo de Bicesse em 1990, infelizmente estes acordos fracassaram, depois de dois anos começou a disputa pelo poder, de um lado FNLA e do outro MPLA UNITA.

De acordo com PEREIRA (2007, p.02) a autora descreve que:

Depois da independência surgiu outra etapa bastante difícil para o povo angolano, o surgimento da guerra civil em 1992 entre MPLA; UNITA; e FNLA Angola é um país da África centro-ocidental, antiga colônia portuguesa que obteve sua independência em 1975, após 14 anos de guerra anticolonial empreendido por três movimentos de libertação, que pegaram em armas contra o regime colonial português: o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), a FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola) e a UNITA (União Total para a Libertação de Angola). O MPLA assumiu sozinho o governo independente. A partir de 1976 teve início a guerra civil que opôs o governo do MPLA e a UNITA. Esta guerra civil foi intensificada após as eleições de 1992, cuja vitória do partido no governo não foi aceite pela UNITA, e teve fim somente em 2002 com a morte do líder desta, Jonas Savimbi.

Assim como o colonialismo, a guerra civil também deixou marcas profundas na vida e na história do povo angolano. Em 1992 foram realizadas as primeiras eleições, que teve o supervisionamento da comunidade internacional, os resultados foram considerados fraudulentos, que conseqüentemente houve o ressurgimento da guerra civil, deixando milhares de refugiados, deslocado e milhares de mortos. Vale a pena lembrar das conseqüências das mais diversas formas de acusação de feitiçaria contra criança, e como isso tem afetado as famílias angolanas. Estas crianças são marginalizadas pela sociedade, baixo desempenho escolar, vulnerabilidade ao mundo das drogas, prostituição e delinquência. Ficando em desvantagem no seu desenvolvimento normal.

Depois deste período bastante sangrento e difícil, começou o período de reconstrução social cultural econômico para uma nova Angola. O conflito armado deixou várias sequelas para a sociedade angolana. Conforme GESCHIERE (2006, p. 12) Nas primeiras décadas após

a independência ainda era de mau gosto falar muito sobre diversos assuntos explicitamente sobre acusação de feiticeiros contra criança, isso era negar a possibilidade de um rápido progresso na estrada da modernização. Com a globalização, expansão dos meios de comunicação social, reconstrução social, econômica e cultural. Embora com algumas limitações, felizmente já é notório abordar determinados assuntos nos meios de comunicação social, sobre acusação de feitiçaria contra criança na sociedade angolana. Não será possível prolongar este texto devido a complexidades desta transição.

5 PROPOSTA METODOLÓGICA

Esta pesquisa foi realizada para entender e descrever os reais motivos que levam crianças a serem acusadas de feitiçaria. Quais comportamentos são associados à feitiçaria, qual o papel das igrejas, ONGS e do governo. Embora de forma muito sintética deu para ter uma ideia como este fenômeno se proliferou durante o período pós-guerra civil em Angola, Luanda.

A maior parte das crianças que se encontram nos centros de acolhimento, são levada pelos próprios familiares. É importante referir o conformismo inocente das crianças quando se defrontam com questões desconhecida feita por familiares próximos. A autora PEREIRA (2007, p. 7) descreve que: “Boa parte das crianças admite serem feiticeiras, fornecendo narrativas muito coerentes e bastante padronizadas sobre suas aventuras noturnas, sobre a forma como tiram a vida de seus parentes e muitas vezes indicam quem lhes passou o feitiço”.

Para entender os fatores pelos quais crianças são acusadas de feitiçaria, como fonte principal realizei a pesquisa bibliográfica. Dada a sua complexidade, os conteúdos que trabalhei para a contextualização do projeto foram insuficientes para alcançar os meus objetivos, sendo assim futuramente ira realizar uma pesquisa de campo a fim de trazer outros elementos que possam dar mais sustentabilidade a minha pesquisa. Assim como também trazer dados para entender qual o gênero mais afetado, classe social, grupo étnico e religioso. Metodologicamente usei o modelo explicativo, de acordo com M. DA COSTA e M. DA COSTA (2011, p.36) “pesquisa explicativa é a que busca esclarecer que fatores contribuem de alguma forma para ocorrência de algum fenômeno”.

Sendo assim a uma enorme necessidade em realizar entrevistas com crianças que vivem em orfanatos e crianças de rua, porque por intermédio delas conseguirei entender melhor os reais motivos da acusação.

Os procedimentos que serão utilizados antes da entrevista:

- Elaborar um pedido de autorização encaminhando para a direção do centro.
- Realizar um contato prévio com a instituição.
- Explicar a finalidade da entrevista e da coleta de dados.
- Explicar o objetivo da pesquisa.
- Explicar a importância da minha pesquisa.

As técnicas serão utilizadas de acordo ao ambiente das crianças e do próprio recinto.

Técnicas que serão utilizadas durante a minha pesquisa de campo:

- ✓ Aplicar o questionário a partir de brincadeiras.
- ✓ Permitir que respondam de forma fluida, sem sentirem pressionadas
- ✓ Atingir o maior número de criança possível
- ✓ Qual a idade de cada um deles.
- ✓ Saber se são órfãos.

Já se passaram 16 anos desde que terminou a guerra civil em Angola, hoje se vive o momento de reconstrução nacional. O acesso à pesquisa de campo será mais facilitada porque hoje as pessoas já têm uma outra visão sobre o fenômeno acusatório, o Governo, ONGS e Igrejas já participam ativamente na luta de acusação de feitiçaria a criança e outros fenômenos que põe em perigo o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

DA COSTA, Antonio F; Da COSTA, Maria De fatima barroso. **Projeto de Pesquisa: Entenda e Faça**. 6ª. ed. RJ: Vozes, 2015

DOUGLAS, Mary. Os lele Revisitados, 1987 Acusações de Feitiçaria à Solta, (1999), p. 7-30.

GESCHIERE, Peter. Feitiçaria E Modernidade Nos Camarões: Alguns Pensamentos Sobre Uma Estranha Cumplicidade, **Afro-Ásia**, (2006), p. 9-38.

PÊPE, Suzane. Feitiçaria: Terminologia e Apropriações. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana** N° 3 junho/2009, p. 52-69.

PEREIRA, Luena Nunes. Crianças Feiticeiras: Reconfigurando Família, Igrejas e Estado no pós-guerra angolano, Rio de Janeiro, (2008), p. 30-55.

_____. Feitiçaria e Esfera pública: Estado e Cultura no pós-guerra angolano, Rio de Janeiro, (2016), p. 135-161.

_____. Religião e Parentesco Entre os Bakongo de Luanda, **Afro-Ásia**, (2011), p. 11- 41.

_____. Crianças acusadas de feitiçaria em Angola: economia e parentesco num contexto de pós-guerra civil. In: Anais do Encontro Anual da ANPOCS. 31º, 2007, Caxambu. MG, CEBRAP.